



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Número do
NATAL

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTÓNIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 20 cív.

ASSINATURAS: Portugal, Colónias portuguesas e Espanha

Trimestre..... 2\$600 av.

Semestre..... 5\$000

Ano..... 10\$000

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — 113934

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orgamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41.

Annibal Tavares

OURIVES-JOALHEIRO

Sempre novidades

— Rua da Prata, 97 —

Lavol

Quando se lava a pelle com o potente fluido Lavol, immediatamente desaparece a comichão desesperadora e a dôr irritante. Este maravilhoso liquido é o mesmo que os famosos doutores de Brazil estão usando na actualidade com grande successo. Feridas de apparencia desagradavel, escamas e feiase rupções desaparecem dentro de uma semana.

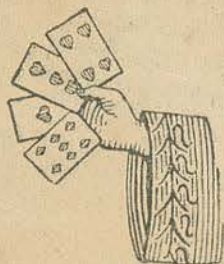
Vende-se em todas de principaes drogarias e pharmacias.

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO DA FONSECA

LISBOA, 237-10 Rua da Prata

PORTO: Rua Passos Manuel, 60

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª. Esq. (Globo da rua d'Alegria, predio esquina).

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae loi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 40 (sobre-loja). — Lisboa. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 15\$00.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

em todos os generos

fazem-se nas oficinas

da

"Ilustração Portuguesa"

R. do Seculo, 43

LISBOA

MOTORES

Winterthur

(DIESCL, SEMI-DIESCL E GAZ POBRE)

Durán Garcia & C.ª

(ENGENHEIROS)

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 13

LISBOA

A. D. Marques

ARTIGOS ALEMÃES

RUA DO OURO, 200

LISBOA

TELEFONE C. 4346

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 775

Lisboa, 25 de Dezembro de 1920

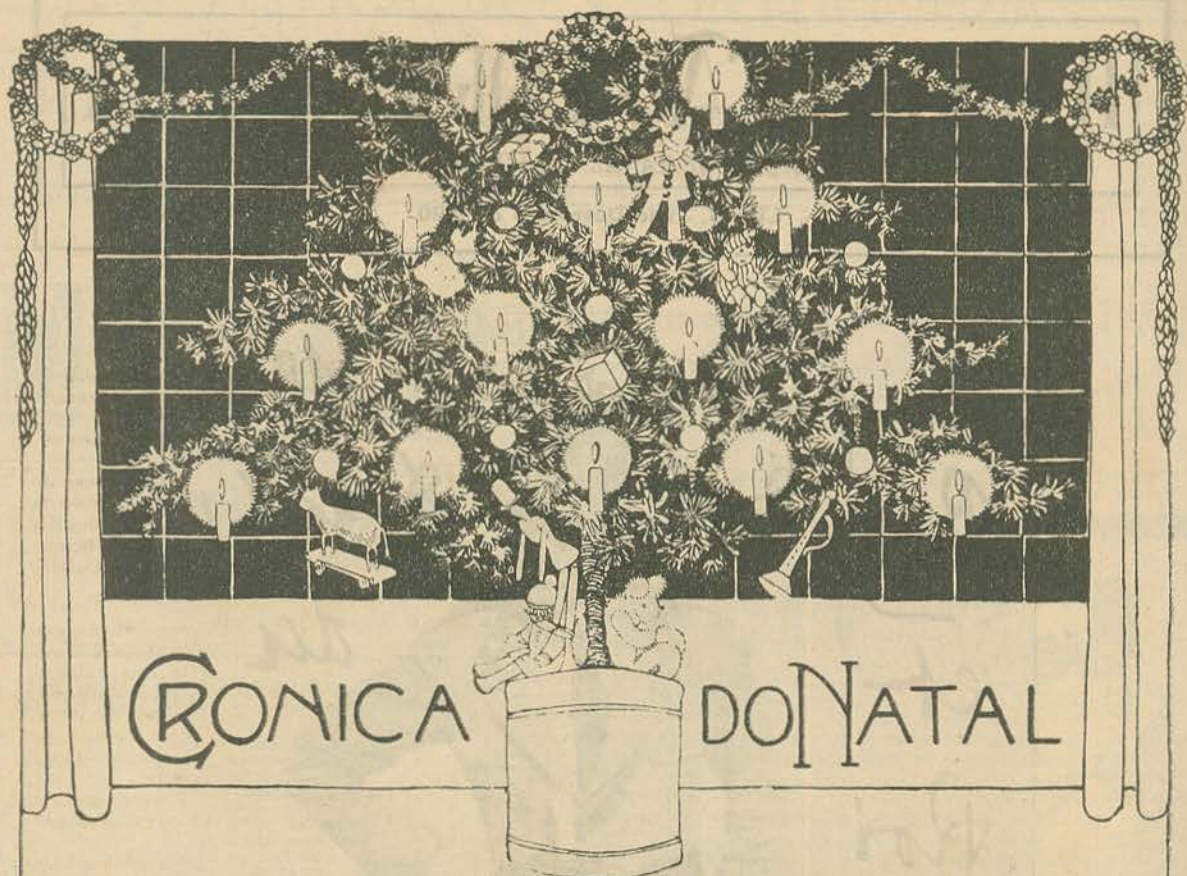
20 Centavos



GABRIEL D'ANNUNZIO

O retrato autografado com que, por intermedio de *O Seculo*, o grande escritor, autor de tantas obras primas e o heroe de Fiume, homenageou Portugal.

CAPA: — NATAL — Composição de Leal da Camara.



E todas as festas cristãs a que mais comove é a do Natal, mais do que a do Triunfo, mais do que a da Ascensão, porque estas são a do Homem-Deus, consciente e forte, e

aquela é a do Deus-Menino, fragil e simples, e por isso é a das crianças. Vem no principio de inverno, quando a neve cobre os campos, mas tem risos que aquecem; vem no fim do ano, quando se faz o balanço das alegrias e das tristezas, com um saldo formidável a favor destas, mas a chilreada dos pequerruchos incute-nos novas esperanças e dá-nos nova coragem para a luta.

Depressa, velhos rabugentos, ide espreitar ás portas dos quartos de dormir e aproveitai o sono das criaturinhas amadas para depositardes na chaminé as ofertas adquiridas na véspera, tremulos, com receio de que os ambiciosos não fiquem satisfeitos. E se o ficarem, não vos lamenteis por que os agradecimentos sejam para Jesus, e não vos deixeis levar pela vaidade

até confessardes que a generosidade foi vossa, terrena e natural, e não celeste e milagrosa. Que as ilusões daqueles a quem quereis tenham a maior duração possível. Dia virá em que hão-de sorrir quando lhes afirmardes que foi o Menino Jesus quem colocou os brinquedos nos sapatinhos, e esse será ainda um sorriso alegre —mas será o ultimo!

Ha tempos um pai, ao apresentar-nos no passeio da Estrela uma filhinha de 10 anos, declarou-nos que ela era «tão inteligente» que já não acreditava que o dador dos brinquedos fosse o Menino Jesus. Feliz menina em quem a inteligencia tão precocemente desabrochou e feliz pai, que pôde durante 9 anos resguardar uma filha das realidades da vida!

Em compensação, sabemos duma garota de 4 anos, que hontem recomendou ao pai, quando ele saía para a repartição:

—O' papá: vai pelo Chiado e compra uma boneca que eu lá vi n'uma vitrine e que tem marcados 30 escudos, para me pôres esta noite na chaminé, a fingir que és o Menino Jesus..

Desta pequena e deste pai temos nós muitissima pena.

— ACACIO DE PAIVA —

A VOLTA DEL REI

por
Henrique Lopes de Mendonça

Apôa do barco, arrimados ao alcatrate, cochichavam os dois padres santarenos, o licenciado Francisco Lopes Pestana e o clérigo Rui de Sousa da Serra. Dava-lhes de quando em quando a réplica um religioso agostinho, que cabeceava agachado na bancada extrema do paneiro. Por detrás deles, o arrais, Magro de alcunha, sobraçando estirado a cana do leme, assobiava de manso uma cantilena popular. A vela côr de ocre, mal enfunada pela viração matutina, batia molemente de encontro ao mastro. E as remadas escandiam com a marulhada lenta o silêncio nebuloso do grande estuário.

Na claridade difusa mal se descortinava debaixo da improvisada tilha a vaga ondulação de cobertores, mantas do Alentejo, grossos capotes, sob os quais dormitavam, prostrados no solho, os restantes passageiros.

— Não se enxerga ainda a casaria de Lisboa, disse o licenciado alongando a vista pela prôa fóra.

Rui de Sousa enveredou o olhar para a mesma banda, e redarguiu em tom de mofo:

— Pudera! Fóra mister ter olhos como verrumas, para furar este nevoeiro.

Então, explodiu de baixo uma voz forte, repassada de uma como unção religiosa, que clamava: — Manhã de nevoa! Manhã de nevoa! Aleluia! Aleluia! Os padres estremeceram.

Aguçando a vista, deparon-se-lhes, soerguido a um recanto do paneiro, um busto ossudo que badalava dentro de um vaqueiro largo de puído gorgorão. Sobre um mantem á antiga, de rocas amarfanhadas, oscilava nma cabeça macilenta, coroadada de cãs, emoldurada de cãs, cotóneas e voláteis como flocos de neve. E sob as arcadas espessas das sobranceiras moviam-se nas órbitas fundas duas alvas em que não transuzia clarão de pupilas.

— Aquiete-se, por Deus, avósinho!

Uma voz suave modulava estes dizeres. Entrevia-se, na meia obscuridade, a mão morena e joven que aconchegava ao corpo do velho as dobras do vaqueiro. Mas, desatento á súplica, o homem continuava:

— Manhã de nevoa! E' a manhã prometida pelas profecias. Ha sessenta anos que a espero. Quis Deus Nosso Senhor tirar-me a luz destes olhos, mas não me arrancou deles a imagem do meu rei, tal qual o vi pela ultima vez no campo de Alcácer, correndo á desfilada no cavalo russo do senhor Jorge de Albuquerque. Assim o espero ver ainda... deixa-me falar, rapariga...

Exaltava-se gradualmente, repelindo a moçoila que tentava admoestá-lo.

Mas o frade agostinho aproveitou a interrupção da profética arenga para embutir, a meia voz, um reparo irónico:

— Vê-lo assim, após sessenta anos, não será fácil.

Num impeto, o velho voltou para aquele lado os olhos baços e redarguiu com arrebatamento:

— E porque não, homem de pouca fé que falais? Aca-so há milagre impossível a Deus? Nem o de manter em perene juventude a majestade do nosso rei, nem o de restituir a luz aos meus olhos de oitenta anos. Mas nem este prodigio se faz mister. Os olhos da minha alma estão bem vivos e claros. Tão claros que já anteveem através da nevoa a figura sublimada que de nós se acerca. Aleluia! Aleluia!

O cego levantara-se. Estendia para o occidente as mãos encarquilhadas. Oscilando ao balançar do barco, amparavam-no os braços carinhosos da neta. E tripulação e passageiros, despertos por sua voz potente, convergiam sobre ele os olhares pasmados.

Mas os padres secundavam piedosamente as exor-

tações calmantes da rapariga. Vencido pelas instancias, o velho serenou e deixou-se cair no banco, resmoneando frases proféticas.

Entretanto a cachopa respondia ás interrogações curiosas, desvendando a sua vida.

Aleixo Teles se chamava o octogenário veterano de Alcácer. Vivia do amanho de uma terríola, termo da Barquinha, na companhia dos dois netos, única familia que lhe restava. Havia dias, os esbirros castelhanos, que andavam a alistar gente para as guerras da Catalunha, tinham lançado mão do rapaz...

— Qual rapaz? perguntou o licenciado.

— Meu irmão Alvaro, explicou a rapariga. Ele é quem dá ordem á layoura. Se nos falta, mofinhos de nós! O avô cego, eu mulher e fracalhota... Ralámo-nos, ralámo-nos... E vai afinal o avô disse assim: «O' Teresa, anda comigo até Lisboa!» «Até Lisboa?» disse eu: «Sim, sim! Tenho lá gente conhecida, fidalgos da minha criação. Vamos a ver se eles me ajudam a arrancar o rapaz das unhas desses excomungados castelhanos...»

— Caluda! interrompen o licenciado, apurmando o grosso indicador na ponta do nariz adunco. Estas tabuas têm ouvidos!

E o clérigo Rui de Sousa, envesgando o olhar para vante, indicou surratamente um bérneo alastrado no chão, junto á ultima bancada dos remeiros. Sob as pregas de um escarlate sujo mal se denunciavam formas de um corpo humano.

— Embarcou no mouchão da Casa Branca, segredou Rui de Sousa. E' um dos criados de Luís Madeira.

— Luís Madeira? Quem é? interrogou o agostinho.

Rui de Sousa teve um gesto de estranheza.

— Não sabeis? E' o feitor da fazenda de Miguel de Vasconcelos, em Salvaterra...

O nome de Miguel de Vasconcelos, posto que ciciado, feriu os ouvidos do cego como o choque de um pelouro. Cortou de improviso o vago murmurinho que lhe agitava os beiços descorados, e exclamou com força:

— O traidor? o traidor que oprime os seis naturais! Dizem as profecias que um homem morrerá naquele forte além...

Alongára o braço. E por uma intuição misteriosa, o dedo do cego apontava o vulto que pela prôa fóra já sombreava a bruma adalgçada. Era o torreão extremo do Paço da Ribeira, avançando para o Tejo.

— Assim rezam as profecias, continuou o cego, desatento ás intimações de silêncio. Mas não dizem o nome desse homem. Sei-o eu, foi Deus quem me revelou. E' o traidor Miguel de Vasconcelos...

— Jesus! Avô, cale-se! abalhou Teresa, deixando cair sobre os ombros a beatilha parda, e oferecendo á luz pálida do sol as feições ambreadas onde se desenhava o susto. E os pais procuravam abafar com vagos clamores a voz que arremessava entre imprecações o nome maldito. Mas neste comenos o bérneo estremeceu, desenzolou-se, e dele surgiu uma cara barbuda e fera, que se contraía num rio de sarcasmo.

De entre a pelagem negra e hirsuta rebentaram ameaças rouquejadas com felina ironia:

— Esperai um pouco, velho sanden, que eu vos ensinarei a respeitar o ministro de el-rei nosso senhor.

— Quem ousa chamar-me sanden? bradou o cego, tremulo de raiva. Sanden vós, bargante vós, quem quer que sois, que não vos pejáis dessa alcunha de rei, dada em bom português ao espanhol...

O homem do bérneo casquinou:

— Vamos quasi nos alturas do Campo da Lã. E' ali que pagareis, como vilão rebelde, os vossos dislates.

— Deus nos valha! pranteou a rapariga, a cujos olhos

surgiu a visão da força, que ela bem percebia na alusão sinistra.

Mas o velho não se calava. Eram baldados todos os esforços para tolher a torrente de improperios que lhe rompia da boca. Todos os passageiros aumentavam agora, com exclamações, o borborinho. E erguido na popa, aguentando entre os joelhos a cana do leme, o Magro trovejou:

— Leva de rumor! Quem manda aqui sou eu, que sou o arrais! não quero motins dentro do barco. Leva de rumor, já disse!

Tão legítima parecem esta ordem, que todos, incluindo o proprio cego, a acataram num momento. Mas o silencio foi logo quebrado por umas resolutas frases do homem do bérneo:

— A r rais, mandai seguir a voga arrancada. Tenho pressa de chegar a Lisboa. O sr. secretario do Estado espera esta manhã sem falta as novas que lhe trago.

— E que tenho eu com o sr. secretario do Estado? acudiu o arrais com má sombra. Ele não manda no vento nem na maré. E cá dentro quem governa sou eu.

Um leve rumor de aplauso acolheu a coarctada do Magro. Mas o criado de Luis Madeira atalhou-o logo com torvas ameaças:

— Cautela, amigos! As forças de Evora também se podem levantar em Lisboa. Basta que eu diga ao sr. Miguel de Vasconcelos...

— El quem nos diz que o traidor está vivo a estas horas? exclamou o obstinado sebastianista.

E como exclamações soltas prenunciavam o renovar da balburdia, o cego impôs silencio com um gesto energico, ao mesmo tempo que para os lados da terra parecia aguçar a atenção.

Apenas um sussuro indistinto chegava á oitiva dos circunstantes. Mas o velho não tardou em exteriorisar as suas impressões.

— Ouvi! disse ele. Gritos de alcácer... algazarra de vivas... alaridos de alegria...

E num impeto de entusiasmo, bradou:

— El-rei que chega! Aleluia! Aleluia!

— Sonhos! murmurou o licenciado sorrindo. Parvoí-

ces que te custarão caro! resmungou o homem do bérneo.

Mas não entanto o barco ia-se aproximando da margem. A neblina levantara-se de todo. Percebiam-se grupos que corriam pela Ribeira, por entre as cabanas do mercado. Por sobre a fachada da Misericórdia, uma bandeira esvoaçava, passando arvorada pelo povolo.

— Parece que ha novidade, com effeito! disse Rui da Silva.

O alvoroço do cego já contagiava a todos. Como o barco fosse aprofado à terra, para a obra se dirigiram muitos dos passageiros, ansiosos. E a rumorada creosca, crescia a olhos vistos a agitação da turba.

— Ouvis? bradava o cego, vibrando em estos apaixonados. Ouvis? como eles gritam: «Viva, viva el-rei D. Sebastião!»

— Socegai, avô! repetia a Terceira, sollicita amparando-lhe a figura erecta que vacillava.

— Mas não ouves?

— Ouço, ouço. São vivas...

Já inquieto, o homem do bérneo atalhou: — Também de mentais, cachopa? Tende cautela com a lingua.

Mas ella respondeu, mais firme:

— Dementes sois vós. Ouço agora muito bem os vivas, vivas a el-rei...

— A el-rei D. Sebastião! repetiu o octagenário, radiante.

— Não! redarguiu a rapariga com segurança. Vivas a el-rei D. João!

E neste momento, como se com

igual nitidez houvessem discriminado o alarido, a gente que estava na prôa clamava: — Viva el-rei D. João! é o que dizem. Viva el-rei D. João IV!

Como por encanto, tripulação e passageiros, arrebatados por uma comoção subita, desataram a secundar o grito de terra.

— Viva el-rei D. João!

Só o cego, soltas á aragem as melenas e as barbas brancas, lágrimas a escorrerem das órbitas sem luz, feimava em altas vozes, acenando com o sombreiro negro:

— Viva o meu rei D. Sebastião!

Os remeiros cobravam novas forças. Entre os alaridos de triumpho, o barco vogava rapido em direitura do



O cego levantara-se. Estendia para o occidente as mãos encarquilhadas...

Ilustração de Alberto de Sousa

cais da Madeira. Já sobre ele se distinguiram as fisionomias da multidão aglomerada.

—Alvaro! Alvaro! exclamou a Teresa, num sobresalto. E' o Alvaro que eu vejo, avósinho. O Alvaro! o meu irmão! o seu neto!

E respondia, agitando o lenço, aos gestos com que, á beira do cais, a sandava de longe um alentado rapagão de roupeta aleonada.

O velho porém não a atendia. Toda a sua alma se concentrava nas aclamações fervorosas ao rei que perdera de vista em Alcacer-Quibir, e que julgavam rever agora, após sessenta anos, os seus olhos cegos.

Momentos depois, entre transportes de júbilo inefável, o barco atracava ao cais. E as novas precipitavam-se: a revolução dos fidalgos, a morte de Miguel de Vasconcelos, a retirada da duquesa de Mantua, o Duque de Bragança aclamado pelo povo...

Começavam os passageiros a ser recebidos nos braços da turba, que os felicitava como escravos soltos dos grilhões.

—Eh! amigo! Já vos passou a pressa? Desembarcai em boa hora.

Assim chasqueava o arrais Magro, desentranhando das profundezas da tilha uma figura embrulhada numa capa escarlate. E sobre o escarlate realçou a tez lívida do homem, e sob a testa dura e proeminente luziu o terror em seus olhos pardos.

Os remeiros, estorcendo-se com rãso, iniciaram a assuada.

—Vai acompanhar teu amo Migneil de Vasconcelos na tumba da Misericórdia, exclamou um deles.

E o desgraçado, vendo a turba que misturava com imprecações as vozes de triunfo, murmurava súplicas, fazia gestos implorativos.

Então a Teresa, olhando aquele semblante descomposto, teve piedade.

—Calai-vos! disse para os remeiros.

E voltando-se para o irmão, que nro cais a esperava de braços abertos, exclamou em alta voz:

—Aquele é o homem que nos serve agora. Não é verdade, avósinho? Vinde conosco, depressa!

O homem do bérneo seguiu-a. Os remeiros não se opuseram. Haviam compreendido que com um acto de clemencia celebrava a rapariga a libertação da pátria.

O cego respondera á nota com um gesto de assentimento. Ouviu a voz do homem que, ao passar por ele, murmurou:

—Deus vos pague!

E retorquiu com doçura:—Dai mercês a el-rei, que voltou de Africa para os seus reinos!

Depois, sobrepujou as aclamações a D. João IV com uma jactância formidável:

—Deus guarde para sempre el-rei D. Sebastião, nosso senhor!

Dezembro de 1920.

A homenagem á casa bancaria José Henriques Totta & C.^a

Um grupo de comerciantes deliberou fazer uma manifestação de homenagem á casa Totta, pela forma digna e correcta como ella proceden na corrida de que

O sr. J. Henriques Totta, o fundador da casa José Henriques Totta. («Cliché Foto-Palace»)



O sr. João Gomes, sócio da casa Totta. («Cliché Foto-Palace»)
O sr. Antonio Ramos, sócio da casa Totta.



foi alvo. Porque essa homenagem é absolutamente merecida, publicamos hoje o retrato do fundador da casa, sr. J. Henriques Totta e os dos actuaes sócios srs. João Gomes, João Caetano Lopes e Antonio Ramos.

FRAGMENTO D'UM DIÁRIO DE BORDO



E o primeiro crítico aconselhou-me, numa voz tranquila e mole: Que da tua arte emane sempre uma harmonia placida, ligeiramente velada, nobremente serena... Mas logo o segundo critico objectou, com acentuados, tumuluosos modos: Não! Não! Acompanha sempre os ritmos da vida. O poeta que pretendesse transmitir, em fórmulas simétricas, um temporal no mar, praticaria um artificialismo inepto. E eu comentei, dentro de mim: Deixá-los arengar... Segue, confiadamente e unicamente, as indicações do teu instinto.

A REFA o navio, bailando
No mar alto, há treze dias...

Fumo e sonho, recordando
A lenda de Vilalpando
Com suas barbas sombrias,
Sua lança longa e brava,
E seu elmo de ouro fino,
Que minha Mãe me contava
Quando eu era pequenino...

Na dextra crispada e forte,
A hirta lança rebrilha.
Lá vai a matar a morte
Que lhe matou uma filha...
Seguindo, no pensamento,
O torvo rei infeliz,
A galopar como o vento
Por longes terras além,
Preguntava a minha Mãe:
— Como a matou?! Ora diz!

E a minha Mãe respondia
Com o seu vago sorriso
De vaga melancolia:

— Não, filho, não a matou.
— Todos nós havemos de ir
— A' hora que Deus marcou...

Vai o navio balanceando, a arfar,
Nas altas ondas do bramante mar.

E os ferros rincham. Rangem as madeiras
E do amago fervente das caldeiras
Alastra uma febril trepidação
De monstro, em palpitantes aniedades!
Palpita o meu coração
No mar largo das saudades...

Fumo e sonho. A malva rosa
Da varanda ficou doente.
Estará forte e viçosa?
Murcharia inteiramente?

Quem me dera agora vê-las,
Flores e plantas do meu lar!
Mãosinhas que tratam delas
Quem as pudesse beijar!

Não é vaidosa
A malva rosa.

Se a mão de alguém nas suas folhas toca,
Para afagá-las, ou para as colher,
— Como um «bem haja!» duma linda boca—
Vem logo o seu perfume, a agradecer...

E o seu perfume é brando e singular
Não se espalha d toa,
Não se exhibe no ar...

Não tem espinhos. Não agride. É boa
Como as freirinhas tímidas, discretas.
A proposito: em Lisboa
Já se venderão violetas?

Como é tempo de quaresma,
Há muitas já, certamente.
E, na Arcada, o pregão será da mesma
Púela de vòlta emoliente?...

As serras de água que ainda ha pouco er-
guiam
A crista hirsuta a uma estupenda altura
E que, no ar baço, com fragor rugiam
Como leões possessos de loucura,
Agora são
Com um pedido flegil de perdão.
Como um pungente e dólido amavio
De ondlas a embalam o navio...

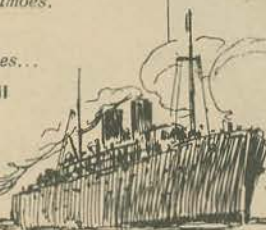
E quedo-me, a scismar
Na honra cá, na «aura popular»
Da amargurada estrofe de Camões.

A face augusta do mar
É inconstante como as multidões...

Augusto Gil

(INEDITO)

Ilustração
de Rocha Vieira



Rocha Vieira

[Malh6a, o grande mestre, deu-nos para o nosso
numero do Natal um dos seus preciosos ineditos,
uma «pagina desenho» que é uma obra prima
Bem haja.



Jose Malhoa
1911



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Papagaio na muda



— Apresenta agora uma moção de desconfiança, se és capaz!



PALESTRA AMENA

Pechinchas!!!

Abusos

Como diabo um jornal sério perde espaço a pedir providencia contra as ladrocinhas—perdão! contra o «sport» dos desvios...—n'este paiz, eis o que é muito de admirar. Então não querem lá os senhores saber com o que o «Seculo» de domingo ultimo, na sua edição da noite, preencheu não menos d'uma columna na sua primeira pagina, em artigo do fundo, como se diz-se? com os roubos nos caminhos de ferro!

Termina com estas palavras o referido artigo:

«Devem convir em que isto é profundamente vergonhoso! E' indispensavel que se adoptem com toda a urgencia, medidas energicas para que não continue a acontecer o que até aqui se tem dado nas linhas ferreas. Reclamam-se garantias e essas não podem nem devem ser negadas. Assiste toda a razão e toda a justiça a quem interpreta o sentir geral; que isto não seja prégar no deserto».

Já se sabe que isto é lido na direcção dos caminhos de ferro do Estado e na dos caminhos de ferro particulares e que um sorriso de desdém assomará aos labios dos snrs. directores, como resposta á ingenuidade do articulista. E não-de dizer:

—Ora este pateta só censura os roubos nos caminhos de ferro, como se os não houvesse por toda a parte!

Dirão muito bem. E já agora aí vai outra ingenuidade, mas esta muito desculpavel, porque é nossa, porque vem n'uma folha humoristica e pode ser levada á conta de graça, não importando, pois, que faça sorrir seja quem fór, visto que a missão d'uma publicação comica não é outra.

Referimo-nos aos padeiros—perdão! aos excellentissimos manipuladores do pão... Se o leitor, que não tem criada para ir á padaria ou, se a tem e para que só faça o trabalho em casa, quer ficar sem pão, obtem fatalmente esse resultado obrigando o padeiro, que lh'o vende á porta, a pesá-lo. A primeira vez que tal fizer, o homem pesa; no dia seguinte não volta lá. O freguez espera-o em vão. Chama outro padeiro, tem igual exigencia e acontece-lhe precisamente a mesma coisa. Depois escusa de se cançar a chamar mais padeiros; passaram palavra uns aos outros, avisaram de que «o freguez d'aquella casa é dos que mandam pesar o pão» e nunca mais lhe aparece um padeiro á porta.

—Mas isso não é um roubo! pensará alguem.

Pois decerto que não é. E' apenas a vingança porque não se deixa praticar o roubo, e, por mais voltas que lhes dêem, que querem que se chame a quem não rouba só porque o não deixam roubar?

Querem mais exemplos, a justificar o procedimento de quem não está para providenciar com respeito ás rapinas

nas linhas ferreas? Não estamos para isso, já porque hoje é dia de Natal e por consequencia, dia em que não convem uma pessoa ralar-se com a prosa da vida, já porque não estamos para que os nossos fornecedores passem a não nos fornecer coisa alguma, como muito provavelmente aconteceria com o nosso padeiro, se lhe fosse parar á mão este numero do «Seculo Comico» e ele soubesse onde mora o sinuario d'estas linhas.

Fiquemos, pois, por aqui e oxalá não nos esqueça de recomendar á criada que receba o pão á porta sem o mandar pesar e de entregar ao padeiro uma nota d'um escudo, em resposta ao cartão de visita em que se dignou dar-nos as boas-festas...

J. Neutral.

Coimbra

De Coimbra recebemos, ornamentado com as armas que reproduzimos, o seguinte e engraçado soneto, em resposta a outro com que «Belmiro» acompanhava um academico «Em foco», a pro-

PAZ DOS APOSTOLOS



COIMBRA

posito de recentes e conhecidos acontecimentos em que a «briosa» se mostrou digna das suas tradições de galhardia e de boemia.

Ele aí vai:

Ao poeta Belmiro

Por tão grandes encomios confundido,
Na parte que me toca respeitante,
Agradeço o soneto retumbante
De bombasticas frases preenchido.

Foi estrondosamente recebido
Por toda a Academia militante,
Que em vós vê um D'Annunzio triunfante,
E em Coimbra Plume enaltecido.

E é tal o entusiasmo e a demência,
Que, após uma sessão, faz a revolta
E aclama presidente vocelência.

Forme, pois, ministerio a vêr se pega,
E mande já bilhete de ida e volta,
E um casco de aguardente p'rá socega!

O academico-apostolo

A. V.

Os senhores hão-de ter visto por essas vitrines fazendas, generos alimenticios, etc., etc., acompanhados por letreiros assim: «Pechincha»! — «Grandes abatimentos!» — «Liquidação por metade dos valores» — «Baixa de preços».

Lá dentro, ao preparar os letreiros, o patrão para o caixeiro:

— Qual era o letreiro que hontem tinham os bacalhans da vitrine?

— 3 escudos o quilo,



— Bem: pôe lá «Pechincha», e o letreiro de 3 escudos menos um centavo...

N'outra loja. O patrão:

— Rapaz: vai á vitrine e tira de lá aquella peça de fazenda de lã que está marcada a 100 escudos o metro.

— E que mais, patrão?

— Deixa o letreiro dos 100 escudos, pôe lá aquele que diz «Grandes abatimentos» e põe em vez da peça de fazenda de lã uma de fazenda de algodão...

Um freguez, atraído por um letreiro de gravatas, que diz 5 escudos.

— Tenha a bondade de me dar uma das gravatas que está na vitrine.

O caixeiro vai buscar a gravata. O freguez puxando, da carteira:

— São 5 escudos, não?

— Qual! São 10 escudos!

— Mas estão marcadas a 5!

— Não são essas: esse letreiro refere-se a outras gravatas que temos n'esta gaveta.

E abrindo a gaveta mostra gravatas que eram antigamente a doze vinténs...

O Mota em Genebra

A quem duvidar da boa figura que fizemos em Genebra, na Assembleia da Liga das Nações, respondemos com os telegramas do dia 17: a delegação portuguesa deu, nem mais nem menos, do que um jantarão aos delegados estrangeiros, tendo assistido todas as altas personagens politicas, entre ellas o sr. Mota—que é o presidente da Republica Helvética.

Conhecem, decerto, o Mota; o que não sabiam, nem nós sabiamos, é que este belo rapaz, adido do Gallardo, tinha subido a tão alto cargo.

Parabéns, Mota amigo!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa dum anjo.

Lansso mais uma vez mão da penna pra te mandar estas mal nutadas regras i deslizar que isteijas de caude i mal a cumpanha ca minha grassas a deus ó fazer desta é voa amem. Partecipute que istou aindas cus cabellos in pé pur cós du que vin á dias nu triatlo naciunal caquillo é que foi uma targedia! Imajina ca D. O'gusta Curdeiro foi pra fransa cando era ainda maneiricha i lá introu pró triatlo i introu a andar na vida airada cus ómes inté que ce fêz uma descarada munto grande i ganhou rios de dinheiro. Ora a dita O'gusta é ispanhola—istás a ver u calero da tipa!—i a terra dela é uma aldea da catalunha onde ela-ia ós ninhos in cachopinha cum u Clamente inxota u pinto. Cando ella fugiu prá fransa u Clamente ficou com uma grande dôr de pau du ar já ce cabe i cumo a Maria pia tamem era um pechão daltolá cu u xaruto casou cum esta. A O'gusta á forssa d'andar na pandiga apanhou uma grande duensa que nan ce cabe bem u qui é mas que natralmente é algum isfaltamento i vai dain us medecos francius dizem-le que vá á tal parte, quer dezer prá catalunha. A O'gusta vai pra casa du Clamente que ó peritiso nan quer arresebela mas que ó fim inté quer casar cum ela á porta du asougue mas a maria pia é que istá cum a pedra nu capato i vai intão prantace á iscompustura á O'gusta. A O'gusta quer fugir oitra vez pra



fransa cu Ceichas que anda in turné com uma cumpanha de calimbancos mas u Clamente nan decha i vai intão a O'gusta que já nu tresleiro acto tinha cumessado a murrer cum uma lasão du curasão compelicada cum um ataque de lumbrigas desidece a murrer defenetivel i leva a murrer mais de meia ora ós incontrões-a todos us moives da casa inclosivel a um breso dum caxopo inté que infin fenalmente espixa a canella cum a cabessa dentro du ditto breso i cai u panno i fica touda a jente cum penna ca cupradita O'gusta nan tanha murrido lá in fransa in antes de vullar á catalunha porque iscusava de cufrer tanto i de fazer cufrer tamem tanto us ispetadores cum dó da prove cinhoura.

I pur oije nan te infado mais, nim fallo duma arrevista xamada «Bumbarial» porque tu és uma mulher onrrada i é ben cel que mulher onrrada nan tem ovidos mas pello cim pelo não nan te cunto u que oiui na tal «Bumbarial» porque grassas a deus tanho bergonha na cara i tu tamem i muntas

EM FOCO



Cunha Lial

*Temos no ministerio um «endireita»
Conforme ha muito tempo se pedia,
Porém segue o sistema da sangria,
Sistema que a sciencia agora engeita.*

*Se ha doente sanguineo que o aceita
E que pode arrostar a cirurgia,
Sofre outro de fraqueza, d'anemia
E nem pinga de sangue o triste detta.*

*Permitam que digamos, com licença
Da bem intencionada criatura,
E sem sombra d'agravo nem de ofensa,*

*Que a telmosia ás vezes é loucura:
Ha gente que não morre da doenca
E que espicha a caneta com a cura...*

BELMIRO

alimbransas a quem pur mim prégon-tar i mal ós noços caxopus cas minhas cuntigo có á vista terão fim deste ca vida te deseija inté á prumera.

Jerolmo,
Emprezario do Pauliteama
de Peras Rulvas,

Harmonia

Afinal de contas, o tribunal de arbitragem composto pelos srs. Augusto e Gil empregou argumentos tão poderosos a favor da reentrada do grande actor Eduardo Brazão no teatro Nacional, que este não pode resistir, e lá o temos brevemente de novo, felizmente para todos nós.

E afinal os tais argumentos não foram tão subtilezas como muita gente julga. Os juizes srs. Augusto e Gil limitaram-se recitar ao Brazão os conhecidos versos de João de Deus:

O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!

.....
Tím! Ora...

Paparoca

Vai ser oferecido um almoço ao illustre actor Alves da Cunha, que se abalança, com exito, a altos cometimentos scenicos, e embora julgemos justas todas as homenagens que se lhe prestem, somos a dizer que não nos parece que seja ele quem anda mais precisado de comes e bebes. Ao passo que se encho a barriga a este e a outros que não precisam de tais especies de manifestação, porque andam fartinhos, graças a Deus, quantos colegas d'ele

não suspiram por uma simples sardinha assada!

Pelo que, só para não nos julgarem abelhudos é que não propomos que se



dêem banquetes, sim, mas não a bons actores, aos que teem grandes ganhos: os banqueteados devem ser os mediocres, os que teem fome...

Logares selectos

Ultimo suspiro

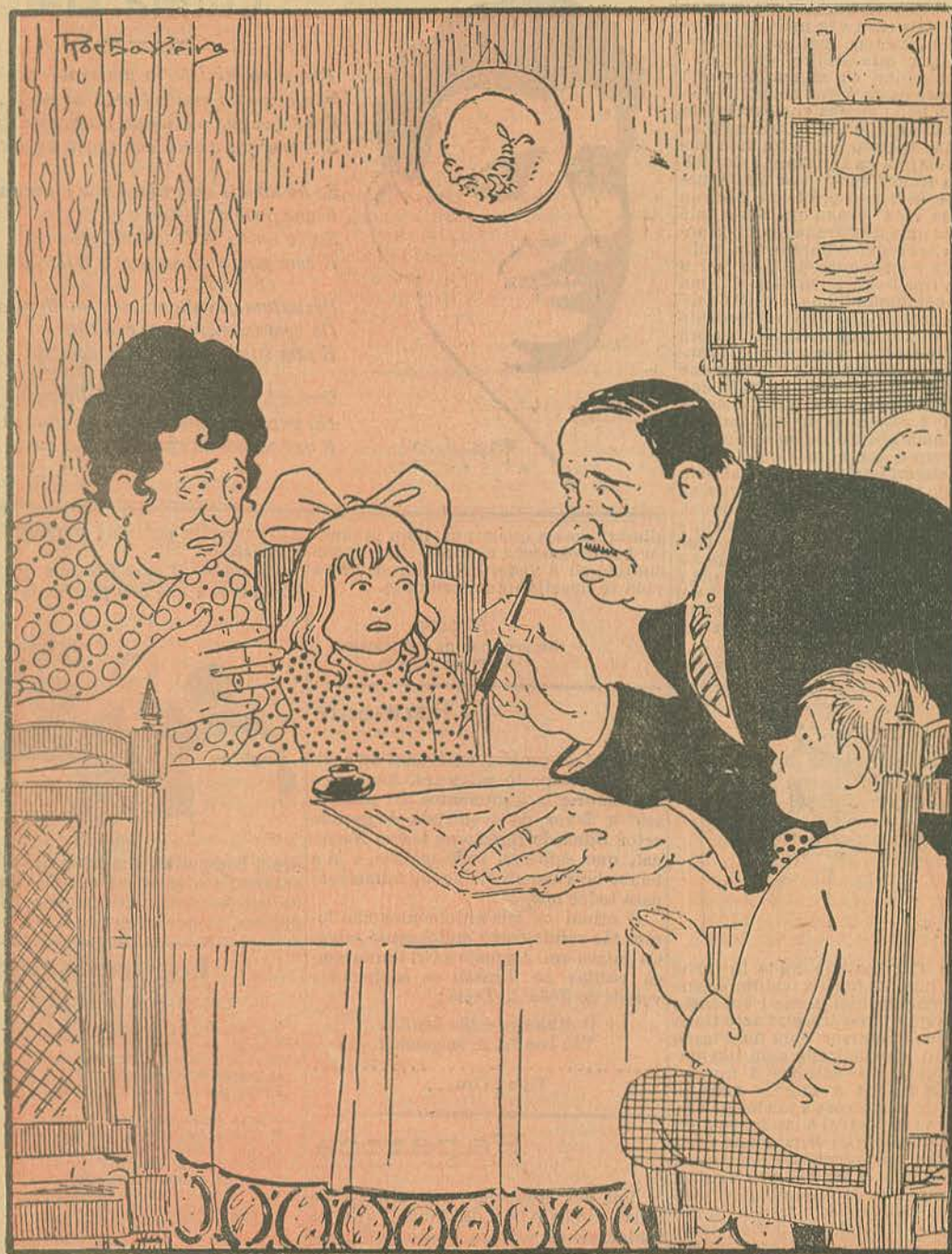
Fui a semana passada
Visitar ao hospital
E vi n'uma enfermaria
O pobre de Portugal;
Perguntei-lhe o que sentia.

—Uma fraqueza geral!
E n'esta avançada idade
E' um achaque mortal
Vem Oliveira Martins
Vara-me d'uma estocada!
Vem Augusto Zé da Cunha,
Ferra-me uma punhalada!
Isto não é caramunha,
Que tudo foi com bons fins
Porque um outro supunha
Tanto Augusto Zé da Cunha
Como Oliveira Martins,
Que sendo a morte fatal
Abreviando-me a vida
Me abreviavam o mal.

E já com a voz sumida
E no arranco final:
Tratam-me do funeral
Que esta lebre está corrida...

De João de Deus

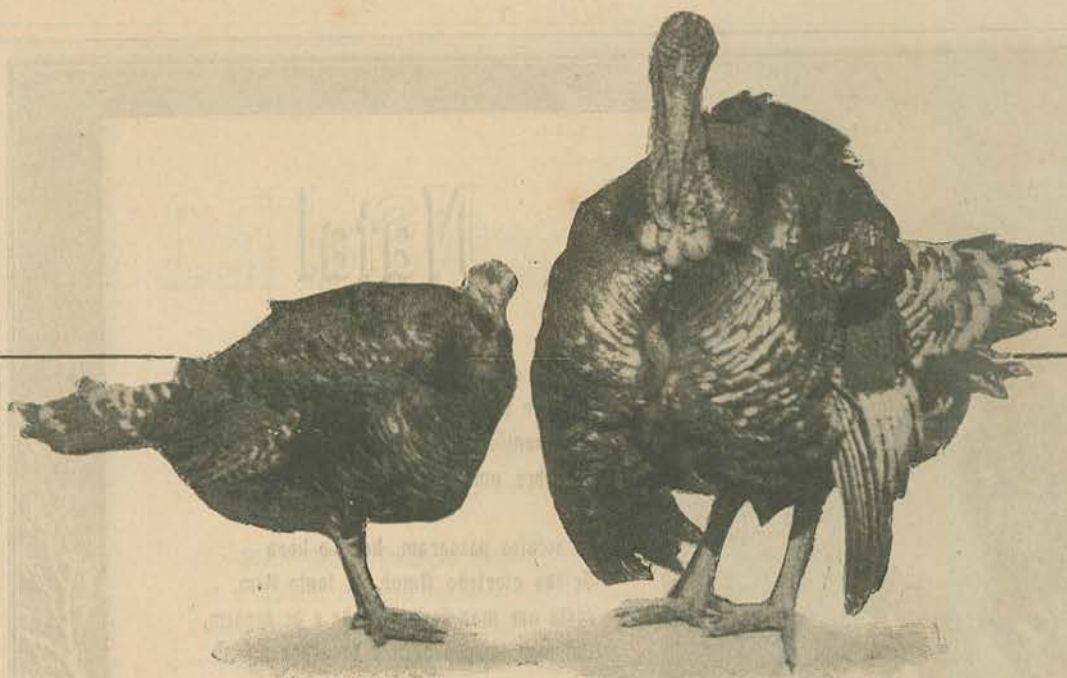
O CENSO



A esposa:

— Que respondes tu, no boletim, à pergunta: — E' idiota?

— Respondo que sou casado contigo e não preciso pôr mais na carta...



Uma Figura Prestigiosa ~ O PERU ~

CONHECEM-NOS talvez? Lembram-se deles de certo? Pois bem. Estão a vê-los então — não é verdade? — fanfarrões, truculentos, aquilinos, orgulhosos, dum impudor supremo; arrastando a asa como o D. Beltrão de Figueirôa; dando-nos, ao longe, a impressão de quem nos desafia para um duelo, á moda velha do século XVII; dando-nos ao perto a honra excessiva de os comermos assados? Quantos de nós, não trocamos as nossas confidências com a polpa doirada e quente de uma perna das suas? Quem ha por essa Lis-

bôa de poetas e de políticos que, ao menos, uma vez, não tivesse trinca-do, com o apetite dum frade, uma asa de peru? A bem dizer: quasi nin-guem. Pelo menos todos

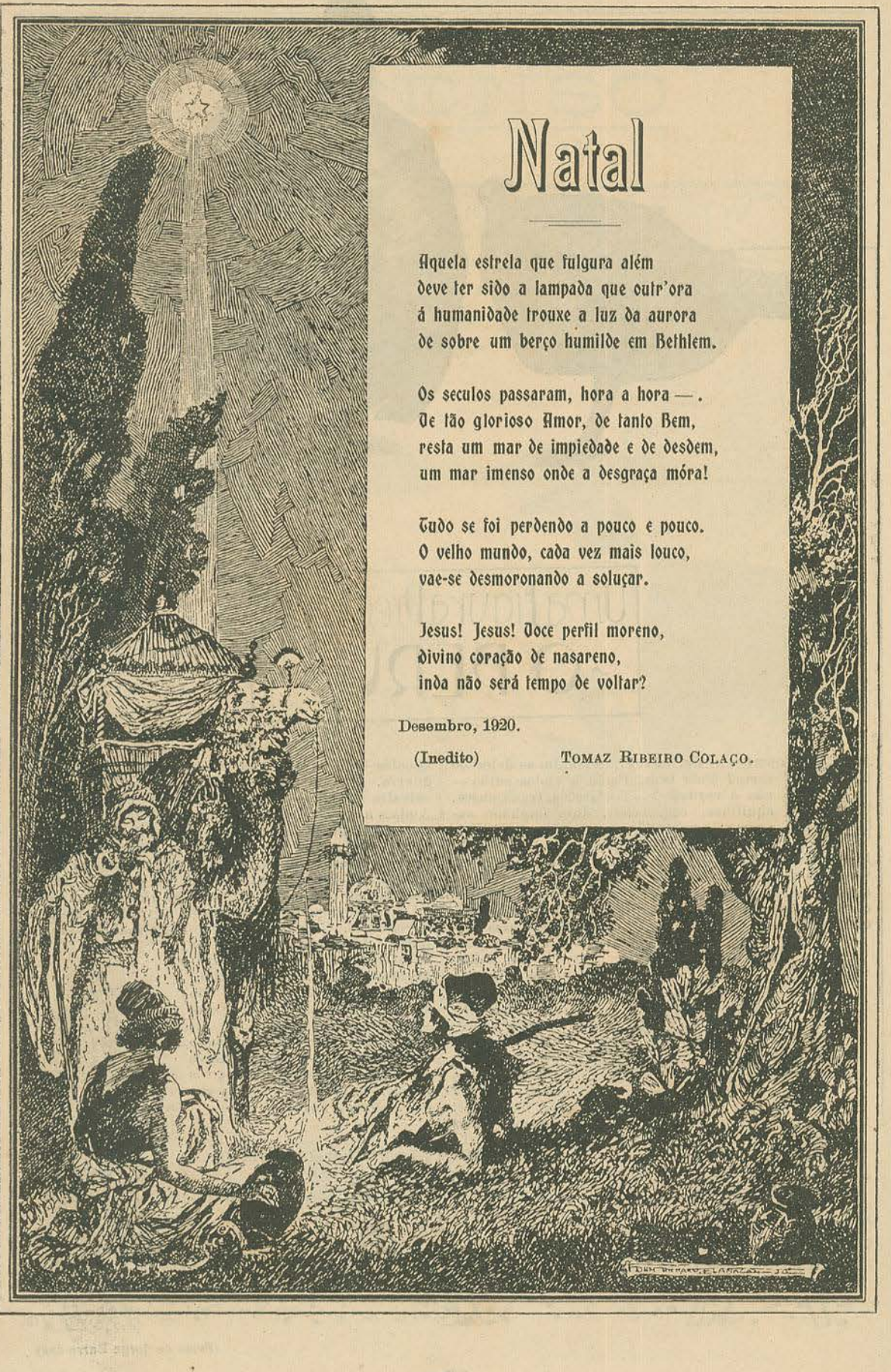
aqueles — e é grande maioria — que nasceram antes da guerra. Porque hoje — valha-me Nossa-Senhora da carestia da vida — ninguém lhes tocca com um dedo. Andam na rua — e ninguém lhes chega; deixam-se agarrar — e ninguém os leva. Para quasi toda a gente cujo Natal se resumia no peru — o Natal desapareceu. V. Ex.^{as}, minhas senhoras, devem saber que um peru custa hoje fibulosamente tanto — como um par de botas ou um chapéu da moda. E' para os ricos? Nem isso. E' apenas, como os camarotes de S. Carlos, — para os novos-ricos. O senhor peru que era rafinal, apesar de tudo, democratico como os apóstolos da propaganda republicana — o senhor peru subiu, voou, fugiu. Mas talvez não subisse, não voasse, não fugisse, — encarecesse apenas.

O que é certo — como tudo está madado — é que d'antes eramos nós que comiamos os perús; hoje são os perús que nos comem a nós!

LUIS D'OLIVEIRA GUIMARÃES



(Priso de Jorge Barra das)



Natal

Aquela estrela que fulgura além
deve ter sido a lampada que outr'ora
à humanidade trouxe a luz da aurora
de sobre um berço humilde em Bethlem.

Os seculos passaram, hora a hora — .
De tão glorioso Amor, de tanto Bem,
resta um mar de impiedade e de desdem,
um mar imenso onde a desgraça móra!

Tudo se foi perdendo a pouco e pouco.
O velho mundo, cada vez mais louco,
vae-se desmoronando a soluçar.

Jesus! Jesus! Doce perfil moreno,
divino coração de nasareno,
inda não será tempo de voltar?

Desembro, 1920.

(Inedito)

TOMAZ RIBEIRO COLAÇO.

Dái a Cesar...

Mandaram os escribas, por astutos,
interrogar Jesus, quando prégava,
perguntando os espias se ele achava
que a Cesar se pagassem os tributos.

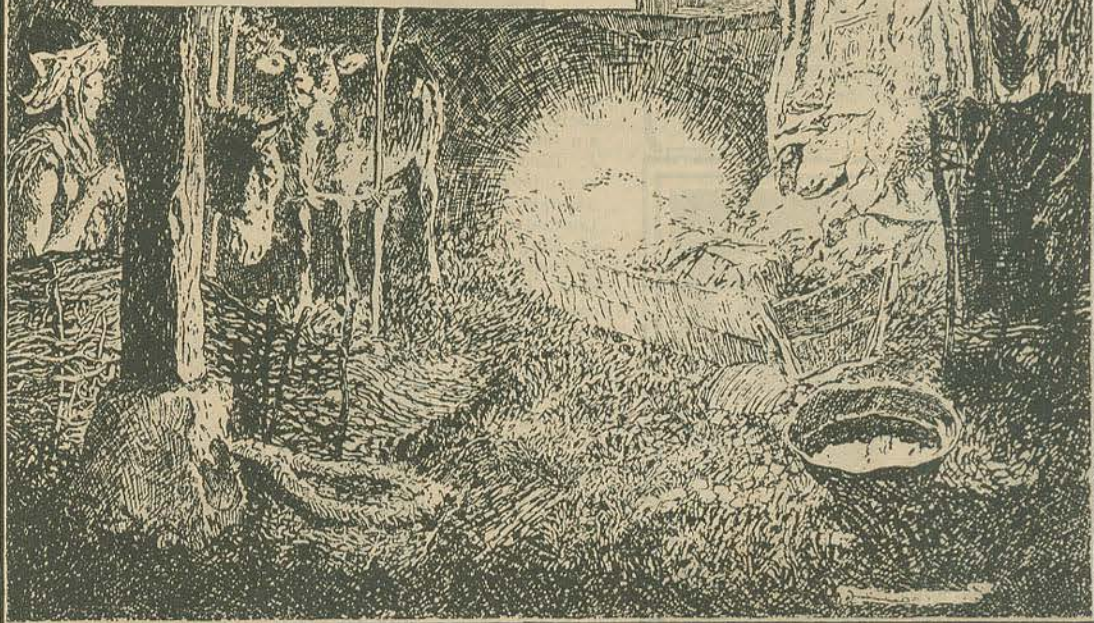
Entendeu o Rabbi. Amargos fructos
que a maldade invejosa semeava...
E disse para a gente que o cercava:
—Para que me tentaes, homens corruptos?

—Mostrae-me um dinheiro. Vêde-o bem:
—De quem é esta imagem que aqui tem?
—De Cesar, responderam os judeus.

—Então, tornou Jesus, se justos sois,
—A Cesar dai o que é de Cesar, pois,
—E dai a Deus, também, o que é de Deus.

(Inedito)

MARIA DE CARVALHO.



Vida Elegante

no Campo Grande
e Casamentos.



O dia elegante do Campo Grande



Ao Campo Grande, nas quartas-feiras, concorre a nossa melhor sociedade. O nosso fotografo retratou algumas amasonas e cavalheiros. São as sr.^{as} D. Alda Silva, D. Ilda Montinho, D. Maria Luísa de Carvalho, D. Sara L. C. d'Abreu,



A comissão de senhoras que levou a efeito a «kermesse» na Liga Naval.

D. Elvira Vasques e D. Margaritte Muller e o picador sr. J. Ricardo. O cavaleiro sr. D. Antonio F. de Lencastre (Lousã). Em pé, o sr. D. Jorge de Menezes. Entre os casamentos elegantes, que durante a semana se realizaram, figuram o da sr.^a D. Judith de B. Moraes com o sr. Gregorio Ferrer e o da sr.^a D. Maria de Lourdes de M. Vasconcelos e Sousa (Figueiró) com o sr. José B. D. Perestrelo de Vasconcelos. Na Liga Naval realizou-se também uma kermesse a favor dos mutilados da guerra.



O casamento do sr. Gregorio Ferrer com a sr.^a D. Judith de Belo Moraes.



A sr.^a D. Maria de Lourdes Vasconcelos e Sousa e o sr. José Perestrelo de Vasconcelos saindo da igreja de Santa Isabel.

O CENTENARIO DE UM MÚSICO ILUSTRE



Beethoven

DATA memorável, esta do dia 16 de dezembro, na qual veio á Vida, o maior genio musical do século XIX!

Deve-se ao grande Beethoven, possuir hoje a humanidade essa colossal obra musical, que serviu de base e de modelo ás produções gloriosas dos mais illustres Mestres.

Sentiu como poucos o cruel Destino que encheu a estrada da sua existencia das mais horribes dôres moraes.

A sua alma generosa sabia sofrer, até ao martirio, a ingratidão da humanidade.

Verdadeiro profeta da sua Arte, Beethoven elevou-se, pela vibração da sua alma, ao cume mais elevado da pureza estetica.

Amando as lutas da vida, soube revelar através da sua alma, como n'um immortal poema da verdade, os combates, as lutas da sua epoca, assim como as horas melancolicas e suaves do amor, os momentos tragicos da desilusão e do abandono...

Assim, sentimo-nos subjugados com as paginas gravadas em bronze da «Heroica», da «Sinfonia em dó menor», no «Egmont», no «Coriolano», no «quartetto» ap. 18, no côro guerreiro «Renascença da Alemanha» etc. e poderemos ver as horas calmas, iluminadas pelo amor de duas mulheres, nas «melodias» sobre palavras de Gellert, na «Sonata clair de lune», na «Sonata» da marcha fúnebre, na «Sonata» ap. 31, na «Sonata em dó menor» para violino, na «Sonata» a Krentzer e no «Fidelio». Assim, Giuletta Guicciardi e Teresa de Brunswick apparecem perante nós envoltas n'uma bruma deliciosa de encantamento, pois inspiraram a Beethoven essas obras primas que ficaram immortaes através dos seculos.

No meu gabinete de trabalho tenho perante mim uma cabeça de Beethoven, admiravel trabalho em bronze do escultor polaco, Aronson; quando por uns momentos penetro no seu olhar profundo, tenho a ilusão que aos meus ouvidos chegam os desenhos melodicos da «Pastoral» e que

uma grande orquestra executa, como n'um sonho] de intensa beleza a soberba obra sinfonica do Mestre.

Beethoven diz-me então as suas confidencias, um rosario de alegrias e de dôres, e a sua suggestiva mascara, acompanhada de uma

farta cabeleira, parece dizer quanto sofre e como sómente encontrou na Arte o único balsamo á sua infinita dôr.

Beethoven, que hoje pertence á severa critica da «Historia artistica», foi um musico que soube aliar o genio musical do caracter nobre e leal. E' sómente d'um coração bom que poderia sair um pensamento sublime que vem n'uma das suas cartas: «A minha arte deve-se consagrar, ao bem dos pobres».

Foram grandes, Bach, Haydn, Mozart, Haendel, Mendelsahn, Gluck, Weber, mas Beethoven ultrapassou os limites da Arte mais sublime, pois a melodia foi para ele o pensamento mais casto, a harmonia o complemento transcendente da sua arrebatada inspiração.

Hoje ao ouvirmos a obra beethoveniana, a nossa fantasia enche de colorido, a serie de imagens que formamos ao acaso do capricho sobre a grande e atraente figura de Beethoven; e sempre a sua obra artistica revela o Mestre, como o genio mais brilhante da «Historia musical».

Os grandes artistas formam sempre a sagrada força da purificação das almas, e Beethoven, conquistando-as, desvendando-lhes largos horisontes, regiões de infinita beleza, rincões floridos de paz e de amor.

Bem dita seja a tua alma, tu que legaste ás gerações essas paginas sublimes, que hoje escutamos sob uma intensa religiosidade, afim da tua imagem se iluminar com a doce e suave claridade da suprema alegria.

Alfredo Pinto
(Sacavem)

VIDA POLITICA



O sr. Pereira J.º (á esquerda) e o sr. dr. Hermano de Medeiros (á direita), secretários do Congresso. Ao centro, o sr. dr. Jacinto Nunes, que n'ele foi eleito presidente.

mais importantes problemas da política e da vida nacional.

A' saída da sessão do P. R. L. no Liceu de Camões. Um grupo de congressistas.

NADA menos de dois congressos. O do Partido Republicano Liberal, de que damos varios aspectos, e o do Partido Republicano Português, que se reuniu no Porto. Ambos concorridissimos, n'elles se ventilaram alguns dos



Vida Militar

O congresso do P. R. L. Um aspecto da assistencia. As três primeiras figuras da direita são os srs. Tomé de Barros Queiroz, dr. Augusto de Vasconcelos e dr. Ferreira de Mira.



Inutilisado em serviço



O alferes da Guarda Republicana, sr. Alfredo José da Salvação, a quem uma queda do cavalo, em serviço, fez amputar a perna esquerda e que vai ser promovido ao posto immediato.

A EXPOSIÇÃO NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

1. No dia da inauguração. Grupo de artistas e visitantes. Ao fundo a singular figura de Jorge Colaço.

2. O sr. Anselmo Braamcamp Freire e o director do Museu de Arte Antiga, sr. dr. José de Figueiredo.

3. O pintor Armando Lucena e duas visitantes posando para a *Ilustração Portuguesa*.



FIGURAS E FACTOS



1. A comissão organizadora do comício de apoio ao governo que se realizou no teatro Nacional. 2. O grupo sportivo da Casa Pia que partiu para França.



1. No almoço de homenagem ao jornalista brasileiro Carlos Cavaco. Grupo de convivas. 2. Campeonato do Cavalo de Guerra. O júri dando instruções aos concorrentes

PELOS MORTOS

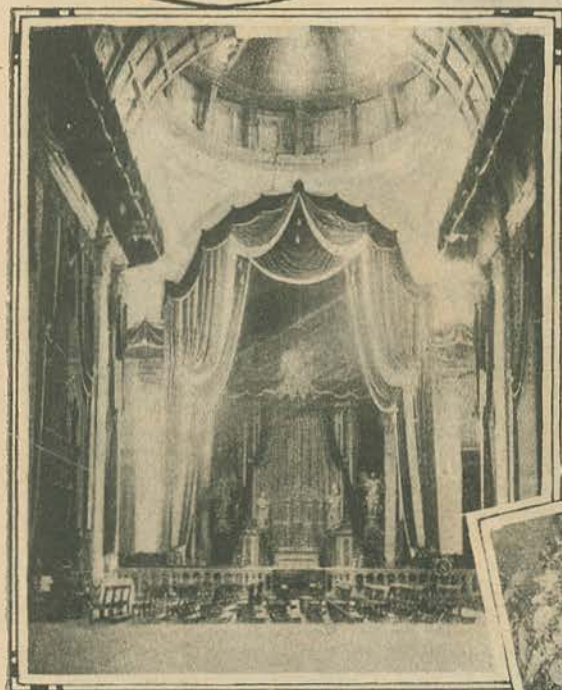
As exequias
a Sidonio Pais

A trasladação do im-
perador e da im-
peratriz do Brasil.
As corôas.



Sidonio Pais. A saída da missa que a direção do Centro Republicano dr. Sidonio Pais mandou resar no templo dos Jeronimos.

O tumulo do dr. Sidonio Pais e a corôa que um grupo de admiradores ali foi depôr.



A igreja de S. Vicente decorada para nela se efetuarem as exequias promovidas pela colonia brasileira á memoria dos imperadores do Brasil.



Imperadores do Brasil

A corôa funebre oferecida pelo Presidente da Republica, sr. dr. Antonio José d'Almeida, e as corôas oferecidas pela comissão organisadora das exequias aos imperadores do Brasil.



OS MORTOS



A sr.^a Marquesa de Rio Maior, D. Maria Isabel de Lima Borges Carvalho Meneses de Saint-Leger, antiga dama do Paço



O sr. Alfredo King, professor de inglês, que foi mestre dos príncipes.



O velho republicano e conhecido jornalista sr. Silva Lisboa, que contava 65 anos de idade.

Salão CRISTAL CALISTA
pelo sistema
electrico.
"Manicures"
e cabeleira para senhoras com
gabinete apropriado. TRATA-
MENTO do rosto tirando rugas e
— pêlos pelo sistema electrico. —

Rua Augusta, 135



"NATIONAL" Machina de escrever
— PORTATIL —

Para viagem, para serviço em casa, para
pequenos escritorios. — NÃO HA MELHOR

Gilman & Gilbert — LISBOA

Depositaros exclusivos 130, RUA DA PRATA

"NUMANCIA"

SOCIEDADE ANONIMA DE SEGUROS MARITIMOS

Directores-Delegados em Portugal e Colonias:

Mario Pinto Basto & C.^a L.^{da}

Rua da Prata, n.º 156-s/loja

Tel. 3.901-C.
Teleg. MABASTO

LISBOA

Consultem sempre as taxas
que esta Companhia aplica para toda a es-
pécie de seguros maritimos, incluindo
roubo e derrame.

Suzano & Pinto

Rocio, 114 e 115



— Ah! a Li-
li, como vai
tão "chic"! —
Que lindo
vestido!
— E tu, Ta-
tá, que ele-
gancia! Fica-
te tão bem es-
se maruji-
nho!...
E n'este e
n'outros di-
logos se mu-
nifesta o con-

tentamento dos bebés que vestem da

Rouparia para ssenhoras e creanças e enxovais
para molvos e recém-nascidos

NO

Rocio, 114 e 115 — Telef. 283



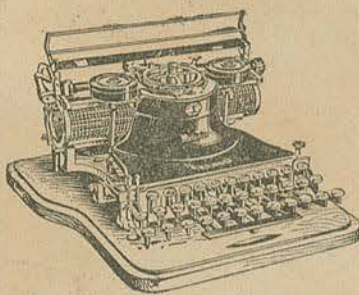
PREMIADA COM MEDALHA D'OURO
NA EXPOSIÇÃO

DE MILAO DE 1920

Deposito:

Rua de S. Bento, 202

LISBOA



Machina de escrever HAMMOND
"MULTIPLEX"

A unica que ESCRIVE EM MAIS
DE UM TIPO DE LETRA, mudança
que faz em um segundo.
Nenhuma ha mais PERFEITA, mais
COMPLETA, mais RESISTENTE e
ECONOMICA.

Depositaros exclusivos:

**GILMAN & GILBERT — 130, Rua da Prata
LISBOA**



A'S DAMAS!

Se quereis tirar as
vossas rugas, sar-
das, pontos negros
e curar todas as in-
fecções de pele,
usai a

**Jeunesse
des Dames
NINON**

Agentos e depositarios:

J. Coimbra Junior & C.^a

Escadinhas da Saude,
n.º 10, 1.º

LISBOA

COLGATE'S RIBBON DENTAL CREAM



Pasta para dentes da acreditada marca americana Colgate

A MELHOR E MAIS USADA EM TODO O MUNDO

Contra 25 cent. em estampilhas será enviada
uma amostra pelos

AGENTES GERAES:

SOCIEDADE LUSO-AMERICANA DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, L.^{DA}

EXPORTADORES & IMPORTADORES

LISBOA — PORTO

LISBOA, Telef. C. } 4096
4097

Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que também vendem sabonetes, perfumes, loções,
elixires dentífricos, crèmes, etc., d'esta acreditada marca americana.